



GRAMSCI NA EDUCAÇÃO: a filosofia da práxis numa abordagem histórica, política e educacional

Odorico Ferreira Cardoso Neto¹
Cleyson Santana de Freitas²

Resumo:

O presente texto é resultado de reflexões feitas a partir das leituras das obras de Antônio Gramsci e das várias discussões realizadas por extensionistas através do Projeto de Extensão denominado “*A Educação e a escola numa perspectiva Gramsciana*”, desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CUA/ICHS), com duração de 60 horas, coordenado pelo Professor Odorico Ferreira Cardoso Neto sobre políticas da educação no que se refere à filosofia da práxis dentro de um contexto histórico, político e educacional. Metodologicamente, a proposta consistiu em mostrar como a filosofia da práxis poderia ser trabalhada na escola, tendo como referencial o materialismo histórico dialético e sociolinguístico no que tange à evolução do pensamento humano no desenvolvimento das sociedades, da ideologia proposta pela religião católica e o comodismo que leva à manutenção do senso comum. O referencial teórico é ligado às contendas e críticas de Gramsci desferidas a Benedetto Croce, Giovanni Gentile, Antonio Labriola. Os resultados demonstram que a filosofia da práxis é suporte/elo entre senso comum e senso crítico. O pressuposto indica a perspectiva de que os educadores pensem de forma processual as injustiças, os intelectuais orgânicos sejam sujeitos transformadores a ajudar os alunos e comunidade escolar a refletir não somente o conteúdo abordado em sala de aula, as notícias do senso comum, mas também, as causas/consequências desse conhecimento e o impacto que poderia causar na vida de todos.

GRAMSCI IN EDUCATION: the philosophy of praxis in a historical, political and educational approach

Abstract:

The present text is the result of reflections made from the readings of Antônio Gramsci's works and the various discussions carried out by extension workers through the Extension Project entitled “*Education and school in a Gramscian perspective*”, developed at the Federal University of Mato Grosso (UFMT)/CUA/ICHS), with a duration of 60 hours, coordinated by the Professor Odorico Ferreira Cardoso Neto on education policies with regard to the philosophy of praxis within a historical, political and educational context. Methodologically, the proposal consisted in showing how the philosophy of praxis could be worked in school, having as reference the historical materialism dialectic and sociolinguistic regarding the evolution of human thought in the development of societies, the ideology proposed by the Catholic religion and the comfort that leads to the maintenance of common sense. The theoretical referential is

¹ Pós-doutorado em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Campus Universitário do Araguaia (CUA). E-mail: kiko@gmail.com.

² Graduado em Letras. E-mail: bgsantana@hotmail.com.



linked to Gramsci's disputes and criticisms of Benedetto Croce, Giovanni Gentile, and Antonio Labriola. The results demonstrate that the philosophy of praxis is support / link between common sense and critical sense. The assumption indicates the perspective that educators think procedural injustices, organic intellectuals are transforming subjects to help students and the school community to reflect not only the content addressed in the classroom, the news of common sense but also, the causes/consequences of this knowledge and the impact it could have on the lives of all.

Keywords: Philosophy of praxis. Evolution of thought. Common sense.

Introdução

O presente texto consiste em analisar como a filosofia da práxis poderia ser trabalhada na educação, partindo do ponto de vista do materialismo histórico dialético e sociolinguístico, de forma que, mudanças significativas pudessem ocorrer neste setor. Por isso, necessário esclarecer antes de tudo o que Gramsci entendia como sendo a filosofia da práxis:

[...] a filosofia da práxis for concebida como uma filosofia integral e original, que inicia uma nova fase na história e no desenvolvimento mundial do pensamento, na medida em que supera (e, superando, integra em si os seus elementos vitais) tanto o idealismo quanto o materialismo tradicional, expressões das velhas sociedades. Se a filosofia da práxis é pensada apenas como subordinada a uma outra filosofia, é impossível conceber a nova dialética, na qual, precisamente, aquela superação se efetua e se expressa. (GRAMSCI, 1999. p. 143).

Em termos mais políticos, Gruppi argumenta que o uso frequente do termo “filosofia da práxis” ocorre por prudência conspirativa, em razão do fascismo italiano, como também porque “concebe o marxismo como uma concepção que funda a práxis revolucionária transformadora e confirma na práxis a validade de suas próprias colocações” (2000, p.71-72).

Na concepção da nova dialética, o professor deixa de ser apenas um doutrinador dos conteúdos já existentes, se tornando junto aos alunos intelectual orgânico, isto é, sujeito transformador, que induz o alunado e a comunidade escolar a refletir não somente o conteúdo abordado em sala de aula e as notícias do senso comum, mas também, as causas e consequências desse conhecimento. O conhecimento a que se faz referência é tecido “no calor das relações sociais que se desenvolvem em uma



concreta formação econômica e social, e têm papel importante na consolidação ou na superação do modo de produção e reprodução da vida social vigente”. (MARTINS, 2013, p.14)

A reflexão e a crítica são aspectos que não poderiam faltar nessa mudança de perspectiva de forma que os desafios e a construção de um novo saber seriam impulsionados pela curiosidade, pela intuição, pela luta em busca de libertação que move a essência humanizadora do educador. Paulo Freire entendia que os educadores chegariam à libertação não pelo acaso

[...] mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe deram os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida [...] (FREIRE, p. 31-32).

A busca por libertação em Gramsci tem a ver com a capacidade de pensar a educação como realidade situada, com pertencimento, sem *achismos*, tendo em vista que “a concepção democrática de educação, a pedagogia dos homens livres, instaurada nas práticas democráticas” [...] (RODRIGUES, 2014, p.279), deve ser ação metodológico-pedagógica tanto no espaço da educação formal como da educação informal.

1 Gramsci e sua obra: Cadernos do Cárcere nº11

A forma de se conceber a educação no Brasil poderia mudar radicalmente se os educadores, em sua maioria tivessem em mente o conceito de intelectual orgânico junto ao contexto de filosofia da práxis, conforme esboça Antonio Gramsci em sua obra “Cadernos do Cárcere nº11”. Ao analisar suas obras, fica evidente como suas contribuições foram de grande importância na construção do saber humano, seja ele político, cívico e cultural.

Antonio Gramsci foi um político, cientista político, comunista e antifascista italiano. Suas obras mudaram definitivamente a forma de ver e entender o sistema político fascista da Itália, além de colaborar relevantemente para uma melhor



compreensão do sistema educacional, histórico e filosófico de sua época, gerando uma série de repercussões e críticas a um grupo de pensadores, tais como: Benedetto Croce, que, por exemplo, toma “o *ethos* coletivo como preexistente na história e cultura dos povos; Gramsci, por sua vez, reflete em termos de construção concreta, mediante a organização das classes subalternas que lutam por suas liberdades e sua emancipação” (SEMERARO, 199, p.142).

Gramsci entendia que Croce representava risco de deturpação da filosofia da práxis, tendo em vista que ela tem um aspecto especial, de “retorno a Marx”, isto é, no combate às interpretações deterministas do marxismo bem como da filosofia de Croce.

Nesse contexto, foi questionado o modo de pensar mecânico e reacionário, “a deficiência do historicismo dos juristas, apresentado por Labriola e Gentile, sendo de um tipo muito inferior” (GRAMSCI, 2006, p.87), sombrio e ambíguo, pois, para que um povo atrasado precisasse de uma disciplina exterior coercitiva, a fim de ser educado não implicaria de modo algum na sua escravidão pelos grupos que os dominavam, a menos que se acreditasse que toda ação coercitiva fosse escravidão.

O modo de pensar de Labriola e de Gentile sobre o ensino religioso nas escolas primárias é aproximado. Trata-se de um pseudo-historicismo (GRAMSCI, 2006, p.86), de um mecanicismo empírico que não educa os povos imaturos deixando-os no berço da infância da humanidade. Conforme afirma Gramsci:

O modo de pensar implícito na resposta de Labriola, portanto, não parece dialético e progressista, mas antes, mecânico e reacionário tal como o “pedagógico e religioso” de Gentile, que não é mais do que uma derivação do conceito de que “a religião é boa para o povo” (povo=criança=fase primitiva do pensamento ao qual corresponde a religião, etc), ou seja, a renúncia (tendenciosa) a educar o povo. (GRAMSCI, Cadernos do Cárcere 11)

2 A conexão entre filosofia, senso comum e religião

Para Gramsci, a filosofia em si é válida a todos os homens e espontânea (p.93), de modo que todos possam fazer uso, superando assim o preconceito e a tornando mais acessível a todos, não somente a uma pequena classe de estudiosos. Conforme afirma:

[...] É preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são “filósofos” definindo os limites e as características desta “filosofia



espontânea”, peculiar a “todo o mundo” isto é, da filosofia que está contida: na própria linguagem [...] no senso comum [...] na religião popular [...] (GRAMSCI, p.93)

Tal percepção traria os homens ao pensamento crítico e se faria em oposição aos modelos mecanicamente impostos ao mundo exterior, fazendo com que utilize da linguagem que o torna um ser social para questionar a própria concepção do mundo, criticando a própria filosofia e ao mesmo tempo conhecendo a si mesmo como produto do processo histórico desenvolvido.

A filosofia da práxis se apresenta pela polêmica e pela crítica, que incrivelmente esteve por muito tempo, ausente ou anestesiada pelos grupos sociais dominantes (criadores, organizadores e educadores) que se privilegiaram das massas populares para impor sua concepção ativista, regada de um aroma ideológico e disfarçando sua vontade real num ato de fé, conduzindo as massas a se tornarem consumidores dessa ideologia contagiante e alienante.

O sistema capitalista moderno reproduz as mesmas condições expressas nas técnicas tradicionais, transformando os homens massa em consumidores em potencial, (técnica globalmente conhecida na atualidade por especialistas econômicos), de forma a orientá-los a agirem conforme as “necessidades de mercado” assim transformando essa sociedade numa mera clientela de seus produtos.

Como mantenedora de seus valores, éticos, morais e culturais a burguesia capitalista, alicerça na base familiar a constituição hereditária de seus princípios de compra, de forma a envolver a todos na busca da felicidade pela aquisição de cada vez mais mercadorias. Tal ato, envolve a todos: de homens massa a intelectuais. No geral, “a organicidade de pensamento e a solidez cultural só funcionariam se estivessem juntas” (GRAMSCI, 2006, p.100), sendo a união entre a teoria dos intelectuais com a prática dos homens massa constituindo um bloco social cultural eficiente para refletir o momento histórico e com certeza alterá-lo a fim de que se pudesse melhorar.

3 Filosofia da práxis na educação

Filosofia da práxis é um termo utilizado por Gramsci para designar um fazer prático e reflexivo de como as pessoas veem e fazem a história, na busca de



compreender o mundo em sua totalidade e assim propiciar cotidianamente ações que visem mudanças contínuas dentro do processo educacional, político e social, de forma que, tais mudanças criem uma nova perspectiva, um novo projeto de humanidade mais bem elaborado, superando assim as velhas tradições conservadoras, baseadas num mundo determinista. Conforme afirma Semeraro (2005):

Para Gramsci filosofia da práxis é a atividade teórico-política e histórico-social dos grupos “subalternos” que procuram desenvolver uma visão de mundo global e um programa preciso de ação dentro do contexto em que vivem, com os meios que têm à disposição, visando a construir um projeto hegemônico alternativo de sociedade.

No que se refere à educação, cada professor poderia utilizar-se de ações reflexivas em seu contexto, em sua disciplina, com a finalidade de fazer relações entre as demais, estimulando o aluno a pensar seu momento histórico de forma integrada, sendo agente/autor de sua própria história; assim podendo ele mesmo construir um olhar mais crítico e autônomo da sua realidade, aproximando-se cada vez mais do objeto de pesquisa, sendo ele mesmo o pesquisador, junção entre teoria e prática. É aquele que tem atitude de orientador-pesquisador, contrapondo-se ao modelo tradicional e ditado pela educação bancária em que o aluno é apenas um receptáculo e não ator de seu próprio processo de conhecer.

A postura do educador com essas características é construída em torno de colaboradores, na alimentação de uma escala crescente de ações a fim de se superar os equívocos, as apropriações indevidas do saber, do pensar elitista e arrogante, da cultura de adoração aos valores ideológicos escondidos nos atos de fé que fizeram história e construíram impérios à custa da ignorância dos fanáticos. Em Gramsci, quem é o anti-professor?

O professor que não tem tal consciência e também a competência pedagógica necessária, isto é "um professor medíocre conseguirá que os alunos sejam mais instruídos, porém não mais cultos; pois o professor desenvolverá apenas a parte mecânica da escola e o aluno sendo um cérebro ativo terá que, com a ajuda do seu ambiente social desenvolver e organizar os conteúdos" (GRAMSCI, 1982, p. 132).



A professora Maria Elisabeth Blanck Miguel (2002) lembra que não basta somente ter competência pedagógica, pois que, sem uma política orgânica que articule o conhecimento, o professor acaba sem amparo no seu fazer educacional.

A necessidade de uma política orgânica que articule o conhecimento aprofundado dos conteúdos a serem ensinados e o modo de ensiná-los do conhecimento do aluno e sua necessidade de pleno desenvolvimento humano, bem como das novas solicitações da sociedade, precisam fundamentar-se na plena convicção de que a educação é um nexo articulador e promotor da cultura, auxiliando a elevar os alunos, ao menos em nível ideal, às condições de governantes, como queria Gramsci.

Considerações finais

O que propõe Gramsci não está diretamente ligado às construções sociais baseadas no patrimônio de um grupo ou uma classe, e sim no questionamento dos velhos valores e tendências tradicionais de como os governos e as elites organizaram a sociedade, visando à manutenção de modelos já estabelecidos.

Em geral, trata-se de uma luta histórica de desunião entre povos por divergências de pensamento e crenças que mantiveram a população de massa no seu atual estado: de subordinação. De outro lado, temos a classe de intelectuais que buscou uma sólida união entre a teoria e a prática, um questionamento mais elaborado à cerca da sociedade em que vive, consolidando assim a filosofia da práxis que, em geral, a faz compreender melhor o momento histórico em que vive e funciona como um suporte para pensar um modelo mais justo de sociedade.

As críticas elaboradas por Gramsci a Gentile e Labriola funcionam como base para que os educadores possam repensar o seu cotidiano e o modelo de sociedade que está em construção. A filosofia da práxis é suporte/elo entre senso comum e senso crítico, a pressupor e indicar probabilisticamente que os educadores pensem de forma processual as injustiças e os intelectuais orgânicos sejam sujeitos transformadores, que propiciam a alunos e comunidade escolar refletir não somente o conteúdo abordado em



sala de aula e as notícias do senso comum, mas também, as causas e consequências desse conhecimento e o impacto que enseja na vida de todos.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, Volume 1: introdução ao estudo da filosofia, a filosofia de Benedetto Croce. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- GRUPPI, Luciano. **Conceito de hegemonia em Gramsci**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- MARTINS, Marcos Francisco. Gramsci, filosofia e educação. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 13-40, jan./jun. 2013. Disponível em:
<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>. Acesso em: 09 ago. 2017.
- MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. O pensamento pedagógico de Gramsci. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 3, n.7, p. 63-73, set./dez. 2002. Disponível:
<<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4882/4840>>.
Acesso: 11 ago. 2017.
- RODRIGUES, Jéssica do Nascimento. **A produção de textos escritos na formação de sujeitos críticos letrados: O Trabalho dos Professores de Língua Portuguesa em Foco**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2014.
- SEMERARO, Giovanni, **Gramsci e a Sociedade Civil**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SEMERARO, Giovanni. Filosofia da práxis e (neo)pragmatismo. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº 29, p. 28-39, maio/ago. 2005.